

ELEIÇÕES 94: DA PAIXÃO DO CEBRAP

Francisco de Oliveira

O ato de sua criação, vinte e cinco anos atrás, era para o Cebrap indicativo da opção pela democracia, via pela qual sairíamos da ditadura, então em pleno apogeu, e caminho para a erradicação da exclusão social. O apoio que recebemos, expresso nos nomes que correram o risco de afrontar um regime então todo-poderoso, e o acolhimento de nossos trabalhos, de que esta Revista em seu 66º número* é a melhor prova, assegurou-nos que a opção tinha bases reais na sociedade. Por isso, a construção desta instituição nunca foi uma pretensão vanguardista, nem a busca de ilustração de currículos pessoais, aliás mais facilmente lustráveis alhures.

(*) Incluindo os 27 números da revista Estudos Cebap — antecessora de *Novos Estudos* — publicados de 1971 a 1980.

O trajeto percorrido, desde então, somente confirma a associação entre nossa história e os caminhos da sociedade brasileira. Por isso, as eleições de 1994 têm um significado especial para este centro de pesquisas. Em primeiro lugar, como reafirmação dos pontos daquele percurso. De evento em evento, de eleição em eleição, começando até pelo episódio espúrio do Colégio Eleitoral que em 1985 assinala formalmente o fim do ciclo ditatorial, passando pela própria eleição de Collor — um desastre, sob qualquer aspecto —, é a decisão da sociedade que é a responsável pelos erros e acertos. Sem panglossianismos, que ingenuamente serviriam para mascarar o que tiveram de conservador ambos os eventos. Em segundo lugar, porque marca um *progresso* — palavra tão escorraçada de nosso vocabulário político — em termos da política brasileira. Por trás do que dá para perceber, sem nenhum mecanicismo entre os processos sociais e o processo de sua representação, o movimento estrutural de uma nova sociedade.

As eleições de 94 têm tudo para confirmar essa nova sociedade. Não à toa, um dos candidatos é uma liderança saída do movimento do sindicalismo renovador e inovador, que do ABCD paulista se espalhou por todo o Brasil. Um dos novos e surpreendentes sujeitos da cena político-social nacional, que mal se esboçava no início dos anos 70, e ao qual o Cebap dedicou, desde logo, o melhor de suas atenções de pesquisa. Uma

classe social que se tornava *nacional* e que explica, hoje, a abrangência da candidatura de Luiz Ignácio Lula da Silva. O outro é um nome saído deste centro, o senador Fernando Henrique Cardoso. Para além da estreita identificação que ele guarda com nossa história, o importante é perceber na sua candidatura a expressão daquela valorização da democracia que estava no núcleo da decisão de fundar um centro de pesquisas fora das entidades sob controle estatal.

A dimensão de racionalidade que ambas as candidaturas expressam é um dado extremamente novo em nossa política. Não se trata de racionalidades abstratas mas, ao contrário, de pressupostos que têm, na âncora de classe de um, e na representatividade intelectual de outro, os elementos estruturantes do debate político atual no Brasil. Isto não é pouco, se considerarmos o quadro de uma crise que persiste por mais de dez anos. O politicismo vulgar esperaria ver as opções e o debate mergulharem definitivamente no messianismo salvacionista ou nos negócios "castor de andrade" da compra de votos. Nem uma coisa, nem outra. Não apenas o debate, mas as opções que cada candidato representa, estruturam-se sobre possibilidades reais que estão dadas na sociedade brasileira, pavimentadas na capacidade de articularem interesses e perspectivas que, mesmo sendo contraditórias, representam um enorme avanço sobre o passado.

Ninguém tem bola de cristal, e essa nunca foi nossa pretensão. Mas, com a especial "bola" de que dispõem os cientistas sociais, cuja construção supõe apenas estar armado conceitualmente para entender os processos reais que se dão na sociedade, é possível dizer que as eleições de 94 serão presididas — e estes já são seu mote e sua glosa — pelos temas que estruturam, simultaneamente, a história da sociedade nos últimos trinta anos, e a história da pesquisa em ciências sociais, de que o Cebap é, orgulhosamente, parte. Mais que isso: pelos temas que indicam *progresso*, *avanço*, sobre formas passadas tanto da dominação política quanto da exclusão social. Para além de nossas próprias preferências políticas, que aliás nos fazem cidadãos e tornam possível a existência da pesquisa livre no Brasil, o que vemos afirmado, nas eleições de 94, são as premissas de nossa própria criação como centro independente. Às eleições, com toda a paixão!

Francisco de Oliveira é presidente do Cebap e professor titular do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP.

Novos Estudos
CEBRAP
N.º 39, julho 1994
pp. 3-4
